

## BALTAZAR ESTAÇO, UM LEITOR DE LUÍS DE CAMÕES

*Sheila Moura Hue \**

*Não mais canção, não mais cessa calando,  
Os extremos que queres ir repetindo.*

(Baltazar Estaço. **Canção IV**).

**Resumo:** Este artigo pretende explorar as relações entre o poeta português Baltazar Estaço (1570-16??) e a obra de Luís de Camões. Estaço foi um dos poucos autores quinhentistas a citar o autor de **Os Lusíadas**. No único livro que publicou, **Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rimas**, em 1604, podemos identificar um leitor aplicado da obra camoniana e, ao mesmo tempo, um crítico de alguns aspectos de **Os Lusíadas** e da poética petrarquista. A leitura que Estaço faz da obra camoniana, seja glosando-a ou criticando-a, articula dois pólos da atividade poética do Renascimento português – a poesia sacra e a poesia profana.

**Palavras-chave:** Baltazar Estaço. Luís de Camões. Poesia sacra. Crítica.

No pouco conhecido poeta quinhentista Baltazar Estaço (1570-16??) temos um leitor e um crítico de Camões. Em seus poemas, escritos ainda no século XVI e publicados no início do século XVII, encontramos o testemunho de uma leitura profunda da obra camoniana. Em seus **Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rimas**, publicados em 1604, em Coimbra, podem-se identificar alguns passos em que o autor cita, em vários níveis, o autor de **Os Lusíadas**.

---

\* (UFRJ-ProDoc/CAPES)

Na época em que publicou sua coletânea de poemas, a pedido do bispo de Viseu, D. João de Bragança, Baltazar Estaço era cônego da Sé de Viseu: “amigo e valido” do bispo, “gozava de uma rica prebenda” e vivia “uma situação feliz”, como explica José Maria da Costa e Silva em seu **Ensaio Biográfico-Crítico sobre os Melhores Poetas Portugueses**.<sup>1</sup> Nascido na distinta família dos Estaços, o cônego Baltazar era sobrinho do famoso Aquiles Estaço e irmão de Gaspar Estaço, autor de renomado livro sobre as antigüidades de Portugal. Após completar na Universidade de Coimbra os cursos de Artes e Teologia, foi levado para a Sé de Viseu pelo bispo D. João de Bragança que “fazia grande apreço das suas letras e honrado comportamento”.<sup>2</sup> Nesse contexto favorável, que poucos anos mais tarde se transformará radicalmente com um longo e vexaminoso processo inquisitorial, Baltazar Estaço publica no mesmo ano de 1604, em Coimbra, na oficina de Diogo Gomes Loureiro, “impressor da universidade”, dois livros de poemas: as **Eglogas Espirituais, e Consolatorias** e os **Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rimas**, uma coleção de poemas que, de acordo com seu estado eclesiástico, privilegia a temática sacra. A propósito disso é interessante o que comenta José Maria da Costa e Silva:

Ora, como nos consta com certeza que o poeta havia composto grande número de poesias de outro gênero, assim como obras de prosa, que nunca se imprimiram, mas que se conservam manuscritas no convento dos Carmelitas Descalços da cidade de Évora [...], Estaço legou à posteridade<sup>3</sup> a parte menos interessante e menos valiosa do seu engenho.

Temos, portanto, um leitor de Camões que publicou unicamente poesia religiosa, dadas as circunstâncias. Entre uma quase infinidade de poemas dedicados à Virgem e a Cristo, numa sucessão que para o leitor de hoje é um pouco repetitiva e tediosa, – o que desperta a curiosidade para o restante da produção poética de Estaço –,

<sup>1</sup> COSTA E SILVA, José Maria da. **Ensaio Biográfico-Crítico sobre os Melhores Poetas Portugueses**. Tomo VII. Lisboa: Imprensa Sevillhana, 1845.

<sup>2</sup> Idem Ibidem.

<sup>3</sup> Idem Ibidem.

descobrimos um ótimo poeta, manejando com segurança o repertório formal da época, em cujos versos, vez por outra, ecoam versos camonianos. Estaço também se destaca por uma espécie de independência de pensamento. Numa época em que os autores de livros se atiravam aos pés de seus protetores, escrevendo-lhes epístolas dedicatórias que geralmente são o supra-sumo do exercício desregrado da lisonja, o cônego de Viseu sobressai com uma visão crítica e uma coragem intelectual – que mais tarde lhe seria prejudicial no processo inquisitorial que arrasou sua vida – da qual dá mostras na epístola dedicatória a D. João de Bragança, bispo de Viseu, dos **Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rimas**:

Por mandado de Vossa senhoria, mais com necessidade de obedecer, que com intento de servir, ajuntei estes versos, que tinha cõpostos em segredo [...]. E se as almas devotas devem a Deos communicarme a graça, pera os compor, devem a V. S. o zelo de os mandar imprimir.

Costume he dos Sçriptores desbarataremse em louvores daquelles a quem dedicação seus livros [louvores que muytas vezes metem soado a lysonjas] & porque eu sey que Vossa Senhoria sabe aquella elegante sentença de S. Chrysostomo, que diz: Vir sapiens cum laudatur in ore, percutitur in corde; Não trato de o louvar no rosto pollo não ferir no coração, & tambem porque me parece escusado fazer a pena, o que Deos ordenou que fizesse a fama.<sup>4</sup>

Em seu curto e direto prólogo ao leitor, Estaço dá conta de suas intenções, sem a habitual falsa modéstia desfraldada por seu contemporâneos em fórmulas como “meu fraco engenho”, “meu rude estilo”:

Estimando mais, Catholico Leitor, o proveito alheyo, que o credito proprio, offereço em idade madura os versos que ella compos sendo inda verde: por nam negar a minha patria a mostra de meu talento: por dar a amigos os melhores pensamentos

<sup>4</sup> ESTAÇO, Baltazar. **Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rimas**. Coimbra: Diogo Gomes Loureiro, 1604. “Ao Illustrissimo e Reverendissimo senhor Dõ João de Bragança Bispo de Viseu”.

meus: por offerecer a todos as primicias de meu engenho: as quais senam forem de gosto pera animos<sup>5</sup> distraidos, não cuydo q deixarão de o ser pera os ordenados.

Em Baltazar Estação deve-se ressaltar ainda a preferência pelo uso do português – escreveu pouquíssimas composições em castelhano<sup>6</sup> –, o que se reveste de um caráter político no contexto da dominação filipina. Nosso cônego também faz a crítica a uma sociedade orientada pelo valor do vil metal, e condena a desordenada vida na corte, valorizando a honrada vida no campo; um *topos* que vinha desde Sá de Miranda, e que passa por Camões, pelo Velho do Restelo, por André Falcão de Resende, entre outros contemporâneos, e que chega, talvez agudizado pelas circunstâncias políticas da perda da autonomia, à geração de Baltazar Estação. O cônego de Viseu, ardoroso defensor da poesia sacra, também demonstra uma visão crítica sobre a temática petrarquiana então em voga, de que dá testemunho no seguinte soneto que, de certa forma, nos faz lembrar a Bárbara escrava de Camões, uma espécie de anti-Laura, em sua “pretidão de amor”. Vejamos o poema de Estação:

Que enfadonha certeza he celebrardes  
Os poetas profanos, olhos bellos,  
E mas que sejam brancos, ou amarelos,  
Sempre Verdes fermosos os pintardes.

Que velhice tão certa nomeardes  
Por fino ouro quais quer negros cabellos,  
E se os rayos do sol ousarão a vellos,  
Cos rayos desse sol os comparardes.

Conçeito, que de usado, ja atormenta,  
Que tras canção, soneto, oitava, & trova,  
Offendendo co uso toda a orelha,

<sup>5</sup> ESTAÇÃO, op cit., “Ao Leytor”.

<sup>6</sup> São mais de 200 sonetos em português e apenas três em castelhano, todas as suas églogas, elegias e epístolas publicadas foram também escritas em língua portuguesa.

Por que oje mais agrada, & mais contenta,  
A novidade humilde, por ser nova,<sup>7</sup>  
Que a çerteza sublime, sendo velha.

Contra os olhos verdes tão cantados por Camões e também avesso aos desejos sensuais, Estaço faz sonetos pios, santos e doutrinários, que exalam, vez por outra, a sensualidade melodiosa que encontramos no mais amoroso Camões lírico. Como neste soneto dedicado “a certa pessoa lasciva”:

Se vos vireis donzela que amimava,  
Hua serpe cruel que a offendia,  
E que esta mais amava, & mais queria,  
Sem embargo do mal que lhe causava.

Se visseis que esta mesma a quem amava,  
Em pago deste amor, a destruía,  
E tanto com mór furia a perseguia  
Quanto com mores mimos a afagava.

Não pasmareis de ver que estava entregue  
A tal serpe donzela, que se entende,  
Pois vede que essa carne, essa alma mata,

Que quãto mais a honrais, mais vos persegue,  
Quanto mais a mimais mais vos offende<sup>8</sup>  
quanto mais a servis peor vos trata.

O mais irônico, tristemente irônico, neste soneto é que dez anos depois de publicado seu autor seria preso por agentes da Inquisição, acusado de um suposto comportamento lascivo. Nos **Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa**, de Antônio Baião, pode-se conhecer em detalhes o processo que se arrastou por sete anos, durante os quais o acusado permaneceu preso em Viseu e depois em Lisboa. Algumas de suas confessadas, a quem ele em cartas de defesa chamou “doidas”, acusaram-no de tê-las assediado com “ósculos, amplexos e

<sup>7</sup> ESTAÇO, op. cit., fl. 39r.

<sup>8</sup> Idem, ibidem, fl. 39v.

tocamentos desonestos”.<sup>9</sup> Às acusações, encaminhadas ao novo bispo de Viseu, que, ao que parece, não simpatizava com o antigo protegido de D. João de Bragança, respondeu com “cartas tão altivas e independentes, não admira que fossem farta lenha para a fogueira”.<sup>10</sup> Estaço escapou da fogueira, mas foi destituído de seu cargo e caiu em desgraça. Quando seu irmão, Gaspar Estaço, publica, em 1625, o **Tratado das Linhagem dos Estaços de Évora**, não faz referência ao cônego e poeta dos **Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rimas**.

### O grande cantor do oceano

Escritos em sua juventude, como afirma Estaço no prólogo ao leitor, os poemas publicados em 1604 devem ter sido produto, assim parece, das décadas de 1580 e 90. Ao publicar o livro, o cônego não era tão velho como pretendia, aos trinta e quatro anos e ainda no primeiro patamar de uma carreira eclesiástica que parecia promissora, vista a proteção do bispo de Viseu. Logo no primeiro poema dos **Sonetos, Canções ...**, a “epístola a hu amigo em resposta d’outra”, encontramos uma significativa referência a Camões, além de versos livremente tirados de **Os Lusíadas**, o que reflete uma leitura costumada do poema. A carta é uma espécie de sátira, como aquelas escritas por André Falcão de Resende. Trata, lucidamente, dos males de seu tempo; e também é uma profissão de fé, de declaração de intenções poéticas, em que Estaço se põe firmemente ao lado da musa divina, contra a musa profana. A epístola começa com a condenação dos valores da sociedade de sua época, orientados pela “vã cobiça” e pelo vil metal:

Quem menos se publica,  
Ao mundo envejoso,  
Fica do mundo menos envejado,  
E nunca melhor fica,

<sup>9</sup> BAIÃO, Antônio. **Episódios Dramáticos da Inquisição portuguesa**. Homens de letras e de ciência por ela condenados. Porto: Renascença Portuguesa; Rio de Janeiro: Luso Brasileira, 1919. v. 1.

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, p. 70.

Pois sempre he odioso,  
O que merece ser mais çelebrado.  
[...]

Tal he o desvario,  
E tal o cego engano  
Do mundo bayxo, iniquo,  
Que nam louva a ninguem senam se he riquo.  
Ha diz o Italiano  
Sentindo esta dureza,  
Ne la virtu he virtu sensa ricchezza.

Terà de Homero a vea,  
De Jupiter a alteza,  
Tera de Apollo a lyra sonora,  
Terâ hua voz Orfea,  
De Venus a belleza;  
Terâ de Marte a lança temerosa,  
De Pallas afamosa,  
Donde as sciencias vem,  
Terâ toda a sciencia,  
De Tullio tera toda a eloquencia:  
Mas se o metal nam tem,  
Que luz & resplandeçe,  
Nam luze [como dizem] nem pareceç.

Que nesta idade dura,  
Já debil & cansada,  
Nem val a arte, nem val a natureza,  
Mas sò val aventura,  
Inda que situada,  
Nua barbara rude, & vil bayxeza:  
Onde faz a riqueza  
Do grosseiro polido,  
Que como tem tesouro  
Tudo pode fazer dazul & d'ouro:  
Sera elle fingido,  
Mas posto que pintado,  
Douro faz parecer o que he dourado.  
[...]  
Desta arte o mundo todo  
Tem tomado por Deos

O metal da judaica bezerra,  
 E vay isto de modo  
 Que querem a Deos nos Ceos,  
 E querem fazer de ouro hu Deos na terra.  
 E sabendo que erra,  
 Com errada eleiçam.  
 Perdida todaluz,  
 Venera sempre os cunhos mais que a Cruz.  
 [...]  
 Ou isto he verdade  
 Alçide caro amigo  
 Ou deixa de o ser o que me escreves,  
 Bem que tua vontade  
 Açerca do que sigo  
 No que me mostra, mostra o que me debes.  
 Porem se tu te atreves  
 A vençer pelejando  
 Em campo resistindo  
 Eu ca sem pelejar venço fugindo,  
 Que nesta guerra em que ando  
 Melhor sabe vençer  
 Aquelle que melhor sabe temer.<sup>11</sup>

Esta “idade dura”, “débil e cansada”, em que não vale a “arte” nem a natureza, em que só vale a “aventura”, em que se dá mais valor aos “cunhos” do que a “cruz”, é o contexto em que Estação demonstra a pouca valia da “musa humana”, sempre mal premiada, e afirma sua opção pela “musa divina”, garantidora de um alto prêmio. E, aqui, começa um trecho semeado de citações a **Os Lusíadas**:

Como queres que cante  
 A gente que não ouve?  
 Como queres que faça a musa humana?  
 Que minha voz levante  
 E que com ella louve  
 A quem nem com esperanças vãs m’engana?  
 Se a musica profana  
 Melhor se apremiara

<sup>11</sup> ESTAÇÃO, op. cit., fls. A-A5.



Não era o erro tanto  
Abaixar pello premio o alto canto,  
Mas s'eu assi cantara  
Tivera o premio humano  
Que teve o gram cantor do Oceano.

Se a mente às Musas dada  
O premio lhe tirou  
Do esforçado braço às armas feito,  
Como serâ estimada  
A musa que cantou  
Fundada sô no verso mal afeito?  
Mas que fosse perfeito  
D'hu curioso ser  
A vontade do mundo  
Inchado, fabuloso, vão, & jucundo.  
Sempre avia de ter  
De poeta a estrella  
Que quando chega a muito chega a vella.

Fizerame erudito,  
As vezes fabuloso  
Pera ficar ao mundo mais afeito,  
Mas não me sofre o sprito  
Altivo, & generoso  
A baixos versos dar baixo sogeito,  
Mas com outro respeito  
Mais alto, & soberano  
Sem palavras inchadas  
Verdades só verás de my cantadas,  
Sem estylo profano  
Que tive por indigno  
Do verso, mao por meu, bom por divino,

Desejasme louvado  
A custa de louvar  
Aquelles que mereçem reprehendidos?  
Queresme levantado?  
Mas he com abaixar  
A vis, & baixos fins altos sentidos,  
Dar louvores fingidos  
A hua natureza

Groseira, & imperfeita  
 Cousa he que hu doudo faz, & hu neço aceita,  
 Porem minha rudeza  
 Doutro modo limada,  
 Nem deseja louvar, nem ser louvada.<sup>12</sup>

Estaço demonstra ao amigo Alcido que louvar os que não merecem, que cantar figuras humanas sempre é trabalho mal pago e valorizado, e dá como exemplo o “grande cantor do Oceano”. A poesia profana, mesmo aquela produzida por Camões, não vale a pena neste mundo de injustiças e valores ímpios, diz o nosso cônego, defendendo a musa sacra, divina, cuja recompensa não é material, mas celeste. André Falcão de Resende, através do sábio pastor Alcido, em uma égloga de sua também pouco conhecida obra poética,<sup>13</sup> diz quase o mesmo aos jovens pastores: não se deve gastar a poesia com baixos motivos amorosos, mas com temas altos, sacros, e também com aqueles em que a luz divina resplandece, como o tema cantado por Camões em **Os Lusíadas**. Aqui, em Baltazar Estaço, nem a musa camoniana se salva. Parece que estamos num estágio mais avançado do desengano. Mesmo o “grande cantor do Oceano” – autor dos versos que Estaço cita de cor –, apesar de seu grande engenho, não foi feliz ao render homenagem à musa profana. À mesma conclusão parece ter chegado Camões em “Sobre os rios que vão”. Estaço, pelo que se vê, nunca teve ilusões com “esta Babilônia”, e dirigiu todos os seus esforços poéticos, pelo menos os publicados, à gloriosa terra de Sião. Mas, neste mundo desconcertado em que os bons são castigados e os maus premiados, como diz Camões, Estaço não fugiu à regra: foi bom e foi castigado.

De qualquer modo, mesmo empregando Camões como exemplo de uma alta tentativa falhada, Estaço, ao fazer dele o paradigma do problema musa profana *versus* musa divina, não deixa de homenagear o autor desse (ao seu ver) falhado poema, que cantava, como já observava seu autor, a “gente surda e endurecida”. Em sua demonstração, Estaço lança mão da retórica camoniana. Vejamos as semelhanças.

<sup>12</sup> ESTAÇO, op. cit., fls. A5-6v.

<sup>13</sup> RESENDE, André Falcão de. **Poesias**. Coimbra: Universidade de Coimbra, s.d.

Estaço:	Camões:
Como queres que cante a gente que não ouve?	E não do canto, mas de ver que venho Cantar a gente surda e endurecida <sup>14</sup>
Estaço:	Camões:
Se a mente às Musas dada O premio lhe tirou Do esforçado braço às armas feito, Como será estimada A musa que cantou Fundada só no verso mal açeito?	Pera servir-vos, braço às armas feito Pera cantar-vos, mente às Musas dada; Só me falece ser a vós aceito, De quem virtude deve ser prezada. <sup>15</sup>
Estaço:	Camões:
Fizerame erudito As vezes fabuloso Pera ficar ao mundo mais açeito, [...] Mas com outro respeito Mais alto, & soberano Sem palavras inchadas Verdades só verás de mi cantadas,	Ouvi: que não vereis com vãs façanhas, Fantásticas, fíngidas, mentirosas, Louvar os vossos, como nas estranhas Musas, de engrandecer-se desejosas: As verdadeiras vossas são tamanhas, Que excedem as sonhadas, fabulosas, <sup>16</sup>

Estaço dirige-se ao amigo Alcido em palavras que, como vimos, ressoam os dois momentos em que Camões se dirige a D. Sebastião, numa leitura crítica bastante dura, para construir a sua própria “proposição”, a linha mestra que guiará os poemas que publica: suas verdades a serem cantadas são de outra natureza, e a estima que procura não é a humana, mas a divina. Serão sempre bem aceitos (por Deus) os versos dirigidos a Deus.

Há ainda um outro poema em que podemos enxergar uma possível referência a Camões, por descrever uma situação frequentemente expressa na lírica camoniana. Talvez Estaço se esteja referindo a outro poeta, mas as semelhanças com o “caso” Camões nos parecem muito significativas. O soneto, que tem um certo acento camoniano, é dedicado, enigmaticamente, “a hu Poeta”:

<sup>14</sup> CAMÕES. Luís Vaz de. **Os Lusíadas**, X, 145.

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, X, 155.

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*, I, 11.

Cantando se renova o pensamento,  
Do bem que nos ficou só na lembrança  
Cantando se acrescenta a esperança  
Do gosto que enterrou nosso tormento.

Cantando se levanta o alto intento,  
O qual cahio coa dor que sempre o cansa,  
Cantando se modera a esquivança,  
Da pena que se pos no intendmento.

Tambem o vulgo diz que o fado adverso  
Custuma de espantar quem quer que canta,  
Julgando que o mau fado foge ao canto,

Mas deve ser tão doce, o vosso verso,  
Que não vos quer fugir por que se espanta,<sup>17</sup>  
Mas quervos sempre ouvir de puro espâto.

Os jogos de opostos, tão em voga na época, e especialmente engenhosos em composições como a esparsa camoniana “Ao desconcerto do mundo” (“Os bons vi sempre passar no mundo grave tormentos”), tem neste soneto uma bela solução. Como na esparsa em que o poeta era mau para ser premiado, mas mesmo assim era castigado por um mundo desconcertado que não era tão estável a ponto de sempre premiar os maus, Estaço nos mostra um desconcerto em que os males, ao invés de serem afastados pelo canto, acabavam por ser atraídos por sua beleza. Temos aqui um elogio superlativo, num poeta que não era afeito às costumadas fórmulas elogiosas empregadas por seus contemporâneos, e que muito bem pode se referir ao “grande cantor do Oceano”, tão mal premiado por seu canto, e sempre acompanhado de seu “fado adverso”. Outras ressonâncias camonianas se fazem ouvir. Há nesse soneto também alguma semelhança com um trecho de “Sobre os rios que vão”, em que o poeta usa repetidamente o verbo cantar:

<sup>17</sup> ESTAÇO, op. cit., fl. 40r.

Canta o caminhante ledo  
No caminho trabalhoso,  
por entre o espesso arvoredos;  
E de noite o temeroso,  
Cantando, refreia o medo.

Canta o preso docemente,  
Os duros grilhões tocando;  
Canta o segador contente,  
E o trabalhador, cantando,<sup>18</sup>  
O trabalho menos sente.

### Uma Crítica aos Falsos Deuses de *Os Lusíadas*

A ortodoxia católica do cômego de Viseu não o deixa concordar com a teoria do fingimento poético defendida por Bartolomeu Ferreira na licença a **Os Lusíadas** de 1572, e por outros censores que lhe sucederam e que usaram o mesmo argumento, como Manuel Coelho.

Vi por mandado da santa & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luís de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizerao em Asia & Europa, & não achei nelles cousa alguma escandalosa, nem contraria à fe & bõs costumes, somente me pareceo que era necessario advertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da navegação & entrada dos Portugueses na India, usa de hua fição dos Deoses Gentios. E ainda que sancto Agostinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos livros que compos de Ordine aas Musas Deosas Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poetico não tivemos por inconveniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal. & ficando sempre salva a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Getios sam Demonios. E por isso me pareceo o livro digno de se imprimir, & o Autor mostra<sup>19</sup> nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas.

<sup>18</sup> CAMÕES, Luís de. **Obras Completas**. Prefácio e notas do Prof. Hernâni Cidade. Lisboa: Sá da Costa, 1985. p. 107. v. 1.

<sup>19</sup> Idem. **Os Lusíadas**. Lisboa: Antônio Gonçalves, 1572. Licença de frei Bartolomeu Ferreira.

Os falsos deuses, para Baltazar Estação, são falsos mesmo na poesia e dela deveriam ser de todo banidos. É o que observa Aníbal Pinto de Castro no ensaio “A mitologia na Lírica de Camões”:<sup>20</sup>

[...] esta mesma incompreensão da dimensão estética da mitologia demonstraria, por evidentes motivações de pseudo-ortodoxia religiosa, grande parte da crítica barroca, ao verberar ao Poeta a incongruência de recorrer ao maravilhoso pagão, para com ele ornar uma epopéia celebrativa da cruzada cristã. Permita-me lembrar, a prová-lo, um curioso trecho que recolho de uma epístola tirada dos *Sonetos, Canções Églogas e outras Rimas*, de Baltazar Estação, publicados em Coimbra, em 1604, e que se dirige, com evidente intenção, ao caso concreto de Camões.

[...]

Esta citação “se me afigura de indiscutível interesse, não só para o conhecimento da recepção de Camões, mas para a determinação da profunda conversão de valores semânticos de que a mitologia, sem todavia deixar de ter curso, será objeto durante o período barroco”.

Vejamos a epístola em que Estação condena a mitologia:

Deixando as nove irmãs tão celebradas  
De Poetas presentes, & passados,  
As quais forão por elles tão cantadas,  
Porque elles forão dellas encantados;  
Deixando bellas Nymphas delicadas:  
Deixando Deosas vãs, Deoses sonhados,  
Que tenho por abuso, & desvario,  
Sendo Christão cantar como gentio.

[...]

Se os Poetas gentios que passarão  
De cujos deoses vãos, oje zombamos  
Nos deoses que então tinhamo, então falarão,  
Porque nós do que temos não falamos,  
Da falcidade sua então cantarão,

<sup>20</sup> CASTRO, Aníbal Pinto de. A mitologia na Lírica de Camões. In: \_\_\_\_\_. **Românica** – o lirismo camoniano. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa; Edições Cosmos, 1995.

Nos da verdade nossa não cantamos,  
Porque a sua mentira já passada,  
Inda de nós agora he celebrada.

Abuzo sô de afronta, & infamia digno,  
De castigo cruel, de grave dano,  
Pois pode o canto ser canto divino  
E por gosto alheo he canto profano?  
Incomparável erro, & desatino;  
Hu Coro profanar tão soberano;  
No qual fazendo estão falça harmonia  
Catholico cantor, Musa gentia.

Canto por gosto alheo a falsidade,  
Da qual forçadamente se retira,  
Porque ora com a fê canta a verdade,  
Ora deixando a fê canta a mentira,  
Pregoa a hu sô Deos com liberdade,  
E logo diz que outro o move, & inspira,  
Assi que com perverso desvario,  
Nus versos é Christão, noutros gentio.

[...]

Que vay que se mudasse Atis em pinho,  
Ephire em serpente, Daphne em louro,  
Em flor Hyacinto, em porco o Deos do vinho,  
Juppiter em Carneiro, Aguia, em Touro,  
Em peixe Naís, Mera, & cachorrinho,  
O Deos adultero outra vez em ouro,  
Porque há de ser o falso fingimento,  
Da verdade infalivel ornamento?<sup>21</sup>

Também no soneto “Cinjam os mais poetas as capelas/que Venus, Baccho e Apollo lhe tecerem”<sup>22</sup> e na “Epístola a hu amigo em resposta doutra” encontramos a condenação do emprego poético dos deuses pagãos, e uma aparente citação da licença de Bartolomeu Ferreira:

<sup>21</sup> ESTAÇO, op. cit., fls. 176v-179.

<sup>22</sup> Idem, ibidem, fl. 38v.

Os seus seccazes brutos, & envejosos  
Festejão entre sy mais por inteiro  
A fabula dos deoses mentirosos  
Que a verdade d'hu só Deos verdadeyro:<sup>23</sup>

Ao contrário de Fernão Álvares do Oriente, um outro leitor e crítico quinhentista de Luís de Camões, que em sua **Lusitânia Transformada**<sup>24</sup> toma Camões como seu mestre e tenta redimir seus “pecados poéticos” reescrevendo ao divino a sensual Ilha dos Amores, Estaço mostra ser um leitor contumaz dos versos camonianos, mas não deixa de condenar veementemente a então problemática fusão de deuses cristãos e pagãos presente em **Os Lusíadas**, e que ainda daria, nos séculos seguintes, muito o que escrever.

**Abstract:** The aim of this paper is to analyze the relationship between the Portuguese poet Baltazar Estaço (1570-16??) and the work of Luís de Camões. Estaço was one of the few authors of his time to mention Camões. In his only book, **Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rimas**, published in 1604, we can identify an assiduous reader of camonian work and, at the same time, a critic of some aspects of **The Lusíadas** and of petrarchist poetry. Through Estaço's readings of Camões' work, either imitating his poetics or criticizing it, two major lines of Portuguese Renaissance poetic activity are brought into question: sacred and secular poetry.

**Key Words:** Baltazar Estaço. Luís de Camões. Sacred poetry. Criticism.

<sup>23</sup> ESTAÇO, op. cit., fl. 9v.

<sup>24</sup> ORIENTE, Fernão Álvares do. **Lusitânia Transformada**. Lisboa: Luys Estupinam, 1607.